

CONVOCAÇÃO PARA A R.G.A.

Culminou o 1º Período deste ano lectivo 71/72, com uma importante realização estudantil: a 2ª Assembleia Plenária da Faculdade de Ciências de Lisboa. Nessa altura, falou-se então do porquê da realização da Assembleia Plenária, sobre a livre informação, e não de R.G.As.

O problema foi facilmente escolhido: o direito e dever de informar é um problema que cabe a todos os elementos desta Faculdade e não apenas aos estudantes. Daí a necessidade de todos esses elementos se pronunciarem sobre a questão e decidirem que posição tomar.

Ao entrarmos no 2º Período, começaram a levantar-se, nos diversos cursos, problemas relativos à realização ou não de testes com determinadas características, impostas primeiro pelos professores e depois pelo C.E. sob protecção da Reforma que os prevê e dá plenos poderes de decisão sobre eles ao corpo docente.

A movimentação dos estudantes em torno deste problema tem-se mantido, até aqui, dentro do âmbito do curso.

O mesmo tem acontecido com a luta encetada pelos estudantes de algumas cadeiras ou cursos contra os professores que afixam matéria quando a "sua" aula é "interrompida" para se dar uma informação de alguns minutos.

Em relação às datas de exame, o problema começa agora a levantar-se e ainda não se propuseram soluções quer a nível de curso, quer a nível geral de toda a Faculdade.

Põe-se agora um problema semelhante ao que se pôs quando se realizaram Assembleias Plenárias em vez de R.G.As.

O problema dos testes é ou não pelo seu carácter geral, um problema de todos os estudantes e não apenas de um ou outro curso?

O problema dos professores que afixam matéria não exige também uma resposta unida de todos os estudantes e não apenas daqueles que ne altura são os atingidos? (este problema foi até tratado nas Assembleias Plenárias onde se considerou que qualquer membro do corpo docente que tomasse esta atitude estava automaticamente a demitir-se da sua função de professor).

E quanto às datas de exame? Não são todos os estudantes prejudicados se viam limitadas as possibilidades de realizar certos exames pela proximidade de datas ou pela marcação destas quando lhes não convém?

Perante isto não se compreende que a resolução destes problemas permaneça no âmbito dos cursos. Trata-se de problemas gerais que exigem portanto decisões a nível de todos os estudantes pois só assim garantiremos que os nossos interesses não sejam ultrapassados, quer por alguns estudantes individualistas, quer pelo corpo docente em geral ou pelo C.E. em particular.

Daqui se depreende a necessidade da realização de uma R.G.A. nesta altura e para a qual se propõe, desde já a seguinte ordem de trabalhos:

1. Informações

2. Os principais problemas pedagógicos e os professores

- sobre o comportamento de alguns profs. face às decisões da Assembleia Plenária
- sobre os testes e mapas de exame.

3. Instalações associativas

Vamos agora aprofundar, um pouco melhor, os diferentes assuntos que lá vão ser tratados.

DEPOIS DAS ASSEMBLEIAS PLENÁRIAS...

Os estudantes, professores e empregados desta Faculdade pronunciaram-se conjuntamente nas Assembleias Plenárias do Período passado acerca do direito à livre informação, tendo aprovado propostas onde se deixava bem clara a sua posição sobre este assunto(1).

O que neste processo foi decidido por todos os elementos que actualmente trabalham em Ciências já o tinha sido pelos estudantes o ano passado ao desenvolverem uma prática de informações nas turmas, boicotes a aulas de professores que afixavam matéria, distribuições de comunicados à população, etc.

Toda esta actividade desenvolvida no seguimento de tomadas de posições colectivas, não o foi sem dificuldade. Muitos obstáculos se levantaram, não só por parte dos estudantes "amarelos" que se colocam numa posição individualista, como também por parte de alguns professores.

Este ano as Assembleias Plenárias colocaram-nos numa nova situação: o parecimento de alguns professores e empregados que boicotam as decisões de toda a Faculdade, "esquecendo-se" que a elas estão vinculados. No entanto, a maioria deles tem-se vinculado na prática às decisões das A.Ps não se opondo, e até colaborando nas informações e discussões realizadas nas aulas.

Mas vejamos o que se passa com alguns na secção de Matemática: o "professor" Romeu e a "professora" Marília opõem-se sistematicamente a todas as informações que se vão dar nas "suas" aulas; chegam até a ameaçar os elementos dos piquetes de participações e afixam sumários de matérias, dizendo que foram impedidos de dar a aula.

Quando os alunos de Algebra Linear dos cursos de Química e Física decidirem não realizar testes por não estarem bem explícitas as suas condições, tomaram estes "professores", atitudes que não deixam quaisquer dúvidas quanto às suas intenções. Nessa altura eles não estavam apenas preocupados em reutilizar testes para "beneficiar" os alunos, permitindo-lhes dispensar de exame(?) ou para cumprir ordens do C.E. mas eles mostraram claramente que, o que lhes interessava era dividir os alunos, apoiando os "furas" e tentando eliciar os indecisos com afirmações de que bastava fazer o 1º problema ou até assinar a folha para ficarem praticamente admitidos a exame.

O teste perdeu nesta situação, o seu carácter de avaliação do conhecimento (já de si incorrecta) para poder apenas servir os "professores" na sua manobra de divisão dos estudantes e de incitamento de alguns deles ao boicote das decisões da maioria.

A colaboração dos empregados da secção de matemática foi indispensável nesta altura, para lançar a confusão dizendo que a polícia estava quase a chegar (para nos intimidar) e denunciando algumas pessoas que faziam parte do piquete de informação e esclarecimento acerca da realização dos testes.

Posteriormente, no início de uma reunião realizada na aula teórica de Algebra Linear, a "professora" Marília ameaça uma colega de participação, dizendo-lhe que estava a "levar a Voz" mais alto que ela.

O "professor" Romeu e a "professora" Marília por todas as suas atitudes deste ano, mostraram já estar dispostos a não permitir que as decisões das A.Ps sejam levadas à prática (sendo portanto "furas") e a boicotar qualquer decisão democraticamente tomada pelos estudantes.

Faca a estas atitudes, todos os elementos desta Faculdade devem tomar posição pois estão a ser prejudicados ao serem boicotadas as suas decisões, mas em especial temos todos nós de recorrer a medidas que impeçam que estes "professores" nos dividam e cumpram as suas ameaças.

(1) As pessoas que não tenham todos os dados acerca deste processo, aconselha-se a leitura do IMPROP 10 11.

TESTES

A realização de testes contribui em larga medida para os professores formarem as suas opiniões acerca das possibilidades e aptidões dos alunos. Essas opiniões não correspondem nunca à realidade, o que não é difícil verificar. Consideremos o caso de um aluno que falta a um teste. É claro que isto poderá ser interpretado como consequência de as matérias não estarem bem sabidas, porque quem faltou teve dificuldade em as compreender. Se este raciocínio pode tomar muitos aspectos, o efeito que tem é um só: o professor começará a ter dúvidas quanto às possibilidades do aluno. Essas dúvidas, que neste momento podem não chegar a ter carácter decisivo, eliminatório, tê-lo-ão no exame final. De facto não se pode ignorar que as decisões dos professores serão fortemente influenciadas pela opinião que têm de cada aluno. Outro aspecto do "problema testes", reside no facto de não terem nenhuma função pedagógica. Eles não servem para eliminar as falhas havidas no ensino das cadeiras:

- no que respeita ao professor — não contribuem para que fiquem claras as falhas havidas na exposição das matérias, os erros de metodologia até aí cometidos.
- no que respeita aos alunos — não mostram quais os conceitos, quais os pontos da matéria insuficientemente compreendidos e que necessitam de maior atenção.

A conclusão lógica do que foi dito seria a de que nenhum estudante estaria alguma vez interessado em fazer testes. Porém, se tal não acontece é porque os testes estão incluídos nos únicos processos (como também as faltas por exemplo), essencialmente chantagistas, de que a actual Instituição Universitária dispõe para obrigar os estudantes a estudar. Neste momento não temos possibilidades de acabar com tais processos. Podemos, no entanto modificar os testes, podemos dar-lhes um carácter pedagógico. Mas não devemos esquecer que, mesmo com carácter pedagógico, os testes podem contribuir para a "note psicológica" (1), que contará de forma decisiva no exame final para a passagem ou reprovação do aluno, uma vez que vai determinar a atitude do professor em relação àquela. Temos assim que, enquanto não existir controle dos exames por parte dos estudantes, as passagens ou reprovações continuarão a depender unicamente de subjectivismos dos professores.

MAPAS DE EXAME

Com respeito aos mapas de exame, podemos perfeitamente servir-nos do que atrás foi dito para tirarmos algumas conclusões. Foi por ser o C.E., estrutura que há muito se desmascarou como gravemente prejudicial aos nossos interesses, e não os estudantes, a determinar as condições a que deveriam obedecer os testes, que se pôde falar de testes eliminatórios, cotados para um máximo de 18 quando se dispensava com 14, etc.

Podemos portanto concluir que se não interviermos em tudo o que nos diz respeito, nos arriscamos a ficar seriamente prejudicados. O problema põe-se de igual forma para os mapas de exame. Não deve ser a Secretaria a elaborá-los, mas os estudantes, os directamente interessados, que de outro modo podem ver os seus interesses comprometidos (uma única data, sobreposição de datas, ...).

(1) no liceu era chamada "impressão do aluno"

INSTALAÇÕES ASSOCIATIVAS

Depois do governo ter assaltado e saqueado as nossas instalações associativas e de proceder ao seu encerramento, os Serviços Sociais abriram por duas vezes a galeria. Os colaboradores da A.E. responderam a esta provocação encerrando-a outras tantas vezes para que fossem os estudantes a decidir da sua abertura ou fecho e não os S.S. e meterem o nariz nas coisas que dizem respeito aos estudantes.

Os S.S. (organismo anti-estudantil—vide Improp Suplemento "Estejamos Alerta"), pretendiam com esta manobra não só satisfazer a necessidade de espaço para os almoços, mas principalmente mistificar a questão do fecho da A.E., pois para alguns estudantes menos esclarecidos a Associação equivale, erradamente, àquela sala em frente à cantina.

Também esta sala era objecto da gula dos S.S., gula essa que lhes permitiu apossar-se da nossa Cantina, no tempo da Comissão Administrativa.

Portanto a palavra de ordem era a galeria e a sala de convívio manterem-se fechadas para que os estudantes não ficassem prejudicados na sua luta pela reconquista da A.E. Tinha ficado visto que nos devíamos pronunciar na R.G.A. sobre estas questões mas a 1ª deste ano faz-se sem lá tratarmos disso e o problema como que foi esquecido. No entanto os estudantes mantiveram-se firmes a, mesmo com o sacrifício da hora dos almoços, não foram no jogo de provocadores como a "Frente Universitária" e o gerente da cantina dos S.S. (o gordo) que tentaram a todo o custo convencer-nos de que, para almoçarmos, era indispensabilíssimo ter espaço e que portanto a Associação não defendia os interesses dos estudantes (sic).

Este problema tem afectado muitos estudantes que comem na cantina. As pessoas já se organizaram chegando a efectuar-se uma Reunião de Comensais que os S.S. tentaram impedir servindo o almoço mais cedo. Nessa reunião foram ventilados alguns problemas como o objectivo dos S.S., suas manobras, etc... Para se conseguir uma saída justa os comensais devem debruçar-se sobre este problema mais intensivamente.

As nossas instalações associativas passaram para as salas de alfabetização e já sucedeu que a mulher do Costa da Secretaria (comandante do assalto policial à A.E.) tentou correr de lá com os estudantes por causa de ser tarde e mais por isto e por aquilo. As salas são da A.E. e está visto que os estudantes não saíram. Note-se a interligação de todos estes senhores com certas organizações... as quais se sentem muito incomodadas com a presença dos estudantes e portanto tentam correr conosco de todo o lado.

A 2ª Assembleia Plenária aprovou que os estudantes tivessem uma sala no edifício novo. O "professor" Romeu (o que pertenceu à Comissão Administrativa e colaborou no roubo da cantina à A.E.) fez imediatamente uma proposta ao C.E. para instalar nessa sala um bar dos S.S. passando por cima das decisões da A.P. Os estudantes têm que reagir a estas provocações!

TODOS À R.G.A.

6ª feira de manhã na sala A

TODOS AO PIC-NIC NO FIM DA R.G.A.

NA NOSSA NOVA SALA NA TRAV. do ROSÁRIO